



LISBOA: A SUA HISTÓRIA



Desde a sua origem, Lisboa viveu sobre tudo sob o signo do comércio. Chamada Ulissipo pelos fenícios, depois Olisipo pelos romanos, foi uma escala nas rotas marítimas da antiguidade; mais tarde foi conhecida como Felicitas Julia, um cruzamento de vias romanas. Os musulmanos chamaram-na al-Ušbuna e tomaram-na por assalto em 711; anos mais tarde, em 844, rodearam-na de muralhas e fizeram dela um importante centro comercial.

Reconquistada pelos cristãos e logo perdida de novo, a cidade foi ocupada definitivamente pelos portugueses em 1147. Em 1255 Afonso III o Reformador, rei de Portugal, fez de Lisboa a capital do seu reino; porém, outras cidades, como Évora, por exemplo, disputaram-lhe a sua capitalidade durante certo tempo.

A fortuna de Lisboa está ligada ao seu porto. A partir do século XIV, a cidade foi um porto activo que acolhe cada ano numerosos navios. Ao transferir à capital, em 1482, a Casa da Guiné e Mina, criada por Henrique o Navegante em Lagos, a monarquia fez de Lisboa a metrópole do comércio atlântico. À medida que se estenderam as conquistas afuíram à cidade o ouro de África, as especiarias de

Oriente, o açúcar brasileiro e os produtos europeus oferecidos em contrapartida. A liberdade do comércio com O Brasil puido, por algum tempo, favorecer a outros portos; porém, os perigos da guerra no mar obrigaram a que se voltasse ao sistema dos comboios, para o maior proveito de Lisboa como em tempos do monopólio real. Em 1797 segurava ainda as quatro quintas partes do comércio imperial.

No século XVI, tanto pela sua riqueza como pelo número dos seus habitantes, Lisboa figurava entre as primeiras cidades da Europa. As 15 hectares da cidade visigoda e as 100 do século XIII, eram desde havia muito tempo insuficientes. Das beiras do Tejo, a cidade desbordou amplamente pelas pendentes das colinas.

No século XVIII, um terrível desastre assolou esta próspera cidade: o 1 de Novembro de 1755, um sismo muito violento arruinou os bairros comerciais, provocando mais de 30000 mortos. Desta desgraça nasceu uma nova cidade, construída segundo os planos de Eugénio dos Santos, a Lisboa de Pombal, com uma ampla fachada ao mar sobre o admirável empraçamento potuário que oferece o "Mar da Palha".

Uma vez desaparecido o império colonial, Lisboa ficou reduzida, a começos do século XIX, ao papel de simples capital política do seu país, que atravessava por muitas dificuldades. Incluso chegou a parecer que cedia ao Porto, a metrópole do Norte, o papel de capital industrial.

Entre 1801 e 1864, a população da cidade estancou-se nuns 200000 habitantes. Depois dum século, o desenvolvimento demográfico, amplamente alimentado por uma forte migração rural, recomeçou a um ritmo acelerado.

Certamente, os quatro bairros que constituem a cidade têm menos de 900000 habitantes e certas paróquias como Carnide ou Charneca têm ainda um carácter rural, mas Lisboa desborda amplamente sobre os concelhos vizinhos nos que se criam cidades-dormitório. Na mesma cidade, o sector terciário (comércio, bancos, serviços públicos) desenvolveu-se consideravelmente; na beira do Tejo, criaram-se importan-



tes centros industriais: Seixal, Casilhas e, sobre tudo, Barreiro.

Desde 1966, a grande ponte, chamada ao começo Salazar e hoje do 25 de Abril, une as duas partes da capital, aglomerando um grande conjunto que, desbordando a Lisboa histórica ou os 82 km² da cidade oficial, estende-se amplamente nas duas beiras do Tejo.

O 25 de Agosto de 1988 declarou-se um incêndio de enormes proporções no centro histórico de Lisboa. A ve-

MADEIRA

tustez das instalações, com abundantes estruturas de madeira, e o carácter comercial da zona explicam as dificuldades dos bombeiros, assim como a destrutividade do fogo.

As perdas no património arquitectónico da cidade são completamente irreparáveis. Os primeiros balanços do sinistro lançaram umas cifras trágicas: uma pessoa morta, trinta feridas e umas perdas materiais calculadas em 500 milhões de dólares. Os Armazéns Grandela, os de Eduardo Martins e os do Chiado arderam por completo. O elegante café Ferrari, com os seus interiores de madeira antiga, o museu do disco antigo Valentim de Carvalho e, sobre tudo, a Casa de Batalha, um imóvel de 350 anos de antiguidade (do qual permanece milagrosamente em pé a estrutura de pedra), sucumbiram também às chamas. A reconstrução do bairro do Chiado e da Baixa Pombalina foi encargada ao arquitecto Álvaro Siza Vieira.



É a ilha principal dum pequeno arquipélago português situado a 32° latitude norte no oceano Atlântico, a uns 1000 km. ao sudoeste de Lisboa. A superfície total da ilha é de 196 km. quadrados, e tem uma população de 275000 habitantes, com uma densidade de 346 habitantes por km. Quadrado. A ilha surgiu tras uma série de erupções vulcânicas que se produziram durante a Era Terciária. Uma série de vulcões, entre os que destaca o Pico Ruivo, alinham-se entre Tristão, ao oeste, e São Lourenço, ao leste, formando uma cadeia de montanhas e conos cuja altitude só descende por debaixo dos 1200 m. nos seus extremos.

Da cordilheira, e fortemente inclinados em direcção ao mar formando alcantilados impresionantes, surgem grandes moles de lava profundamente quebrados. A única esplanada é a Paúl da Serra, meseta despida situada a 1400 m de altitude no centro-oeste da ilha.

A HISTÓRIA

A ilha era já conhecida pelos navegantes fenícios. Sabe-se que foi descoberta por marinheiros italianos

provavelmente genoveses, a começos do século XIV; a ilha aparece nos mapas florentinos dos Médici de 1351. Durante expedições marítimas levadas a cabo sob a influência do grande príncipe português Henrique o Navegante, dois marinheiros desta nação, João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira, tomaram posse da ilha em 1419 em nome do rei de Portugal João I. O primeiro governador da ilha foi Bartolomeu Perestrelo, e até 1750 um membro da sua família ocupou sempre este cargo. A mulher de Cristóvão Colombo pertencia a esta família. Colombo foi a Madeira em 1478 para comerciar com açúcar, e foi nesta ilha onde se casou. Naquela época a ilha era já rica. Os portugueses, que a baptizaram com o nome de Madeira porque estava coberta de bosques, queimaram a imensa maioria das árvores para dedicar as terras à agricultura, que pronto alcançou grande prosperidade. A cana de açúcar e o vinho foram até os nossos dias as mais grandes riquezas de Madeira. A partir de meados do século XV introduziram-se na ilha as cepas de malvasia.

Ana Vázquez Laíño ESO 4 B

